# PRÓLOGO - 436A1–B8

> *436a1 Visto que já foi determinado sobre a alma em si mesma e sobre cada uma de suas virtudes do ponto de vista dela, o próximo passo é fazer uma consideração sobre os animais, e sobre tudo que tem vida, quanto a quais são suas operações próprias e quais suas operações comuns. Portanto, suponham-se as coisas que foram ditas sobre a alma, e falemos sobre o restante, e primeiro sobre o que é primeiro.*
>
> *436a6 As maiores características, tanto comuns quanto próprias dos animais, são vistas como comuns tanto ao corpo quanto à alma.*
>
> *436a8 Por exemplo, a sensação e a memória, e a ira e o desejo, e o apetite como um todo, e com estes, o prazer e a dor. Pois quase todos estes estão presentes em todos os animais. E com estes, algumas coisas são comuns a tudo que participa da vida, e algumas a alguns dos animais. Destes, os maiores são quatro pares em número, a saber, a vigília e o sono, e a juventude e a velhice, e a inspiração e a expiração, e a vida e a morte. Sobre estes, deve-se considerar o que cada um é e por quais causas ocorre. Mas também pertence ao estudante da natureza descobrir os primeiros princípios concernentes à saúde e à doença.*
>
> *436a18 Pois é impossível que a saúde ou a doença ocorram naquilo que carece de vida. Portanto, em geral, no caso da maioria dos estudantes da natureza, e dos médicos que buscam a arte de modo mais filosófico, os primeiros terminam com o que pertence à medicina, mas os últimos começam a medicina com o que pertence à natureza.*
>
> *436b1 Que todas as coisas mencionadas acima são comuns à alma e ao corpo não é obscuro. Pois, com respeito a todas, algumas ocorrem juntamente com a potência sensitiva, algumas por meio da potência sensitiva. E, com respeito a certas, algumas existem como afecções dela, algumas como condições, algumas como proteções e benefícios, e algumas como destruições e privações. E que a sensação está presente na alma por meio do corpo é claro tanto através do discurso quanto sem o discurso.*

## Comentário

Como o Filósofo diz em *Sobre a Alma* III, "assim como as coisas são separáveis da matéria, assim também o é o que pertence ao intelecto": Nota de rodapé pois tudo é inteligível na medida em que é separável da matéria. Portanto, o que é por natureza separado da matéria é, por si mesmo,

inteligível em ato; mas o que é abstraído por nós das condições da matéria é tornado inteligível em ato pela luz do nosso intelecto agente. E porque os hábitos de uma potência são especificamente distinguidos segundo a diferenciação daquilo que é o objeto *per se* da potência, os hábitos das ciências, pelos quais o intelecto é aperfeiçoado, são necessariamente distinguidos segundo a diferenciação do "separável da matéria", e assim o Filósofo em *Metafísica* VI distingue gêneros de ciência segundo diferentes modos de separação da matéria: o que é separado da matéria segundo o ser e a natureza pertence ao metafísico; o que é separado da matéria segundo a natureza e não segundo o ser pertence ao matemático; e o que inclui matéria sensível em sua natureza pertence ao filósofo natural. Nota de rodapé

E assim como diferentes gêneros de ciência são distinguidos segundo as coisas estão de diferentes maneiras separadas da matéria, também nas ciências individuais, e especialmente na ciência natural, as partes de uma ciência são distinguidas segundo diferentes modos de separação e concreção. E porque os universais são mais separados da matéria, na ciência natural procede-se dos universais ao que é menos universal, como o Filósofo ensina em *Física* I. Nota de rodapé E assim ele começou o ensino da ciência natural com o que é mais comum a todas as coisas naturais, a saber, o movimento e os princípios do movimento, e de lá procedeu por via de concreção ou aplicação de princípios comuns, a coisas móveis determinadas, algumas das quais são corpos vivos.

Concernente a estes, ele também procedeu de maneira similar, dividindo esta consideração em três partes. Primeiro ele considerou a alma em si mesma, em uma abstração, por assim dizer; segundo, ele tem uma consideração do que pertence à alma segundo uma concreção ou aplicação ao corpo, mas em geral; terceiro, ele tem uma consideração que aplica tudo isso às espécies individuais de animais e plantas, determinando o que é próprio a cada espécie. Assim, a primeira consideração está contida no livro *Sobre a Alma*; a terceira consideração está contida em livros que ele escreveu sobre animais e plantas; a consideração intermediária está contida em livros que ele escreveu sobre algumas coisas que pertencem em comum ou a todos os animais, ou a vários tipos deles, ou mesmo a todos os seres vivos, e a presente intenção envolve esses livros.

Portanto, deve-se considerar que em *Sobre a Alma* II Aristóteles determinou quatro níveis de seres vivos. O primeiro consiste naqueles que têm apenas a parte nutritiva da alma, pela qual estão vivos, a saber, as plantas. Mas há alguns seres vivos que, juntamente com esta, também têm uma potência sensitiva, mas sem movimento progressivo, a saber, os animais imperfeitos, por exemplo, os mariscos. E há alguns que têm, além disso, movimento local para frente, a saber, os animais perfeitos, como o cavalo e a vaca. E alguns têm, além disso, intelecto, a saber, os seres humanos. Pois, embora a parte apetitiva seja considerada um quinto gênero de potências da alma, ela não constitui um quinto nível de seres vivos, porque sempre acompanha a parte sensitiva. Ora, entre essas potências, o intelecto é a atualidade de nenhuma parte de um corpo, como é provado em *Sobre a Alma* III, Nota de rodapé e, portanto, não pode ser considerado por uma concreção ou aplicação a um corpo ou a qualquer órgão corporal, pois sua maior concreção está na alma e sua mais alta abstração está nas substâncias separadas. É por isso que Aristóteles não escreveu, além do livro *Sobre a Alma*, um livro *Sobre o Intelecto e o Inteligível*, mas se o tivesse feito, não pertenceria à ciência natural, mas antes à metafísica, à qual pertence a consideração das substâncias separadas. Mas todas as outras partes da alma são atualidades de partes de um corpo, e, portanto, pode haver uma consideração especial delas por aplicação a um corpo ou órgãos

corporais, além da consideração feita delas no livro *Sobre a Alma*.

Consequentemente, essa consideração intermediária deve ser dividida em três partes. Uma inclui o que pertence a um ser vivo na medida em que é vivo. Isto está contido no seguinte: o livro que ele escreveu *Sobre a Vida e a Morte*, no qual ele determina sobre a "Inspiração e Expiração", pelas quais a vida é preservada em alguns seres vivos, e sobre a "Juventude e Velhice", pelas quais as fases da vida são diferenciadas; igualmente o livro intitulado *Sobre as Causas da Longevidade e da Brevidade da Vida*, e o livro que ele escreveu *Sobre a Saúde e a Doença*, que também pertencem à disposição da vida; e também o livro que se diz que ele escreveu *Sobre a Nutrição e o Nutritivo*. Ainda não temos estes dois últimos livros.

Outra parte da consideração diz respeito à parte motora da alma. Esta está contida em dois livros: o livro *Sobre a Causa do Movimento dos Animais*; e o livro *Sobre a Progressão dos Animais*, no qual há uma determinação sobre as partes dos animais adaptadas ao movimento.

A terceira parte da consideração diz respeito à parte sensitiva da alma, sobre a qual se pode considerar, primeiramente, o que pertence ao ato da potência sensitiva interna ou externa, e, nesta medida, a consideração da parte sensitiva está contida no presente livro, intitulado *Sobre o Sentido e o Sensível*, isto é, "Sobre a Parte Sensitiva e o Objeto Sensível", no qual também está contido o tratado "Sobre a Memória e a Lembrança". Além disso, o que causa a diferença entre sentir e não sentir, que é provocada pelo sono e pela vigília, também pertence à consideração da parte sensitiva, e isso é determinado no livro intitulado *Sobre o Sono e a Vigília*.

Mas, porque se deve passar do mais semelhante ao dessemelhante, a ordem destes livros parece razoavelmente ser tal que, após o livro *Sobre a Alma*, no qual se determina sobre a alma em si mesma, siga-se imediatamente o presente livro *Sobre o Sentido e o Sensível*, porque o próprio sentir pertence mais à alma do que ao corpo. Em seguida, na ordem, deveria vir o livro *Sobre o Sono e a Vigília*, que implicam a ligação e a libertação da potência sensitiva. Depois, seguem-se os livros que pertencem à parte motora, que é a mais próxima da parte sensitiva. E, por último, na ordem, estão os livros que pertencem à consideração geral do ser vivo, porque esta consideração, em grande medida, envolve a disposição corporal.

+0+

436a1 Por conseguinte, o presente livro, intitulado *Sobre o Sentido e o Sensível*, é dividido primeiro em duas partes: um prólogo e o tratado, que começa onde ele diz: **Sobre o sentido e o sentir** (Capítulo 1, 436b8).

Sobre o primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, esclarece sua intenção, mostrando o que deve ser tratado. Segundo, dá a razão pela qual é necessário tratar de tais coisas, onde diz: **As maiores** (436a6).

Assim, ele diz primeiro que já foi determinado sobre a alma em si mesma no livro *Sobre a Alma*, isto é, onde ele definiu a alma. Novamente, foi subsequentemente determinado sobre cada virtude — isto é, potência — dela, quero dizer, do ponto de vista dela. Nota de Rodapé Pois, como as potências da alma, exceto o intelecto, são atualidades de partes de um corpo, pode-se considerá-las de duas maneiras: de um modo, segundo pertencem à alma como certas potências ou

"virtudes" dela, e de outro modo, do ponto de vista do corpo. Assim, foi determinado sobre as próprias potências da alma do ponto de vista da própria alma no livro *Sobre a Alma*, mas agora o próximo passo é fazer uma consideração sobre os animais e tudo o que tem vida — o que ele acrescenta por causa das plantas —, ou seja, determinando quais são suas operações próprias — isto é, próprias de espécies particulares de animais e plantas — e quais são comuns — isto é, comuns a todos os seres vivos, ou a todos os animais, ou a muitos tipos de animais. Portanto, que as coisas que foram ditas sobre a alma sejam subjacentes, ou supostas — isto é, usemo-las no que se segue como suposições já explicadas. E falemos sobre o restante, e primeiro sobre o que é primeiro — isto é, primeiro sobre o que é comum e depois sobre o que é próprio: pois esta é a ordem exigida na ciência natural, como foi determinado no início do livro *A Física*. Nota de Rodapé

436a6 Então, quando ele diz **As maiores**, mostra a necessidade desta consideração subsequente.

Se as operações próprias, bem como as comuns, dos animais e das plantas fossem próprias da própria alma, a consideração da alma seria suficiente para este propósito; mas porque elas são comuns à alma e ao corpo, é necessário, após a consideração da alma, determinar sobre elas para que se possa saber quais tipos de disposições corporais são exigidas para estas operações ou afecções. E assim o Filósofo mostra aqui que todas elas são comuns à alma e ao corpo.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta o que pretende. Segundo, enumera as características com as quais a intenção se ocupa, onde diz: **Por exemplo, o sentido e a memória** (436a8). Terceiro, prova a proposição, onde diz: **Que todas as acima mencionadas** (436b1).

Assim, ele diz primeiro que, das características que pertencem aos animais e às plantas, aquelas que são maiores — isto é, as mais notáveis —, sejam elas comuns a todos os animais ou a vários, ou próprias de espécies individuais, são vistas, mesmo à primeira vista, como sendo comuns à alma e ao corpo. Portanto, elas exigem uma outra consideração além daquela sobre a alma tomada absolutamente.

436a8 Então, quando ele diz **Por exemplo, o sentido e a memória**, enumera as características com as quais a intenção se ocupa.

Primeiro, apresenta o que pertence à parte sensitiva, a saber, o sentido e a memória. Ele não faz menção das outras potências sensitivas, a saber, a imaginação e a potência estimativa, porque estas não se distinguem do sentido do ponto de vista da coisa conhecida, uma vez que são de coisas presentes, ou de coisas tomadas como presentes. Mas a memória distingue-se pelo fato de ser de coisas passadas enquanto passadas. Nota de Rodapé

Segundo, apresenta o que pertence à parte locomotora. Ora, o princípio próximo do movimento nos animais é o apetite sensitivo, que se divide em duas potências, a saber, a "irascível" e a "concupiscível", como foi dito em *Sobre a Alma* III. Nota de Rodapé

Assim, ele menciona a **cólera**, que pertence à potência irascível, e o **desejo**, que pertence à concupiscível. É a partir destas duas paixões, como do que é mais evidente, que as duas potências são nomeadas: pois a potência concupiscível é nomeada a partir do "desejo" e a potência irascível a partir da "cólera" (ira). Nota de Rodapé Mas porque há outras paixões da alma pertencentes à

potência apetitiva, ele acrescenta **e o apetite como um todo**, para incluir tudo o que pertence à potência apetitiva. Mas todas as paixões da alma, quer estejam na potência irascível ou na concupiscível, são seguidas pelo prazer e pela dor, como é dito em *Ética* II. Nota de Rodapé E assim ele acrescenta: **e, com estas, o prazer e a dor**, as paixões finais e últimas, por assim dizer.

Ele acrescenta que essas características enumeradas são encontradas em quase todos os tipos de animais. Ele diz "quase todos" porque a maioria delas, a saber, sensação, desejo, apetite, prazer e dor, são encontradas em todos os animais, perfeitos e imperfeitos. Pois os animais imperfeitos têm, dos sentidos, apenas o tato; eles também têm imaginação, desejo, prazer e dor, embora estas sejam indeterminadas neles; e são movidos de maneira indeterminada, como foi dito em *Sobre a Alma* III. Nota de rodapé Mas memória e ira não são encontradas neles de forma alguma, apenas nos animais perfeitos.

+0+

A razão para isso é que nem tudo pertencente a um gênero inferior, mas apenas o que é mais elevado ou mais perfeito, alcança uma participação por semelhança no que é próprio de um gênero superior. Nota de rodapé

Agora, o poder sensitivo difere do intelecto e da razão porque o intelecto ou a razão é dos universais, que estão em toda parte e sempre, mas o poder sensitivo é dos indivíduos, que estão aqui e agora. E assim, o sentido, segundo sua natureza própria (ratio), é apreensivo apenas do que está presente. Mas se há um poder da parte sensitiva que se estende a algo não presente, isso ocorre segundo a participação por semelhança na razão ou intelecto. Portanto, a memória, que é capaz de conhecer coisas passadas, pertence apenas aos animais perfeitos, sendo algo supremo no conhecimento sensitivo.

Da mesma forma, o apetite sensitivo que segue do sentido é, segundo sua natureza própria (ratio), apetite pelo que é prazeroso segundo o sentido, e este apetite pertence à potência concupiscível, que é comum a todos os animais. Mas se um animal tende pelo apetite a algo laborioso, como lutar ou algo similar, isso contém uma semelhança com o apetite racional, ao qual é próprio desejar algumas coisas por causa de um fim que não são em si mesmas desejáveis. E assim, a ira, que é apetite por retribuição, pertence apenas aos animais perfeitos, por causa de uma aproximação ao gênero do que é racional.

+0+

436a11 Então ele apresenta o que pertence de qualquer maneira à natureza da vida.

Ele diz que, com o que foi dito, outras características são encontradas nos animais, algumas das quais são comuns a tudo que participa da vida, isto é, não apenas animais, mas também plantas; mas algumas pertencem apenas a alguns tipos de animais. E as principais destas são listadas em quatro pares. O primeiro par que ele apresenta é vigília e sono, que são encontrados em todos os animais, mas não nas plantas. O segundo é juventude e velhice, que são encontrados tanto em animais quanto em plantas, pois a vida de qualquer coisa sujeita à morte e ao nascimento é dividida em diferentes idades. O terceiro é inalação e exalação, que são encontradas em certos

tipos de animais, a saber, todos os que têm pulmões. O quarto é vida e morte, que são encontrados em todos os seres vivos neste mundo inferior. E ele diz que sobre todos estes deve ser considerado o que cada um é e qual é a sua causa.

436a17 Porque ele disse que as características acima mencionadas são as "maiores", ele acrescenta algo sobre algumas que não são tão destacadas, a saber, saúde e doença, que não são ambas encontradas em todos os indivíduos dos gêneros nos quais existem por natureza, como acontece com as mencionadas anteriormente, mas que são por natureza encontradas em todos os seres vivos, tanto animais quanto plantas.

Ele diz que também pertence ao filósofo natural descobrir princípios primeiros e universais de saúde e doença. A consideração de princípios particulares pertence ao médico, o artífice que produz saúde, assim como pertence a qualquer arte operativa considerar os particulares sobre seu próprio negócio, porque as operações ocorrem nos particulares.

436a18 Ele prova de duas maneiras que a consideração anterior pertence ao filósofo natural, onde diz: *Pois é impossível* (436a18).

Primeiro, ele o faz por argumento. Saúde ou doença podem ser encontradas apenas no que tem vida, do que fica claro que o corpo vivo é o sujeito próprio da saúde e da doença. Mas os princípios de um sujeito são também os princípios de sua paixão própria (passio). Portanto, uma vez que pertence ao filósofo natural considerar o corpo vivo e seus princípios, ele deve também considerar os princípios da saúde e da doença.

Segundo, ele prova a mesma coisa por um sinal ou exemplo que conclui a partir de um argumento que apresenta. A maioria dos filósofos naturais termina seu estudo com o que pertence à medicina, e da mesma forma a maioria dos médicos — isto é, aqueles que buscam a arte da medicina de forma mais filosófica, não apenas aplicando experiência, mas investigando causas — começam sua consideração da medicina com o que é natural. Disto fica claro que a consideração da saúde e da doença é comum tanto aos médicos quanto aos filósofos naturais.

+0+

A razão para isso é que a saúde às vezes é causada apenas pela natureza, e por causa disso pertence à consideração do filósofo natural, a quem cabe considerar as obras da natureza; mas às vezes é causada pela arte, e a este respeito é considerada pelo médico. Mas porque a arte causa saúde não principalmente, mas como que ajudando a natureza e ministrando a ela, o médico necessariamente obtém os princípios de sua ciência do filósofo natural, como de alguém que é anterior, assim como um capitão de navio obtém seus princípios de um astrônomo. Esta é a razão pela qual os médicos que buscam bem sua arte começam com o que pertence à filosofia natural.

No entanto, qualquer artefato produzido unicamente pela arte, como uma casa ou um barco, de modo algum pertence à consideração do filósofo natural, assim como o que é produzido unicamente pela natureza de modo algum pertence à consideração da arte, exceto na medida em que a arte utiliza uma coisa natural.

+0+

436b1 Em seguida, quando ele diz "Que tudo o que foi mencionado", ele prova a proposição, ou seja, que tudo o que foi mencionado é comum à alma e ao corpo.

Ele usa o seguinte argumento. Tudo o que foi mencionado pertence à potência sensitiva. Mas a potência sensitiva é comum à alma e ao corpo, pois sentir pertence à alma por meio do corpo. Portanto, tudo o que foi mencionado é comum à alma e ao corpo.

Ele torna a primeira premissa clara por meio de uma indução, por assim dizer. Das características mencionadas, algumas ocorrem juntamente com a potência sensitiva, ou seja, aquelas que pertencem à apreensão sensitiva, como o sentido, a imaginação e a memória. Algumas ocorrem por meio da potência sensitiva, por exemplo, aquelas que pertencem à potência apetitiva, que é movida pela apreensão da potência sensitiva. Das outras, que pertencem ainda mais claramente ao corpo, algumas são afecções da potência sensitiva, a saber, o sono, que é uma ligação da potência sensitiva, e a vigília, que é sua liberação; algumas são condições da potência sensitiva, a saber, a juventude e a velhice, que dizem respeito a se a potência sensitiva está em boa condição ou é fraca; algumas são proteções e benefícios para a potência sensitiva, a saber, a respiração, a vida e a saúde; e algumas são destruições e privações dela, a saber, a morte e a doença.

Ele diz que a segunda premissa, de que o sentido é comum à alma e ao corpo, é clara tanto por argumento quanto sem argumento.

O argumento está à mão. Uma vez que uma potência sensitiva é afetada por algo sensível, como foi mostrado no livro *Sobre a Alma*, [Nota de rodapé] e as coisas sensíveis são corpóreas e materiais, o que é afetado pelo sensível é necessariamente corpóreo.

Mesmo sem argumento, isso é claro pela experiência, porque se os órgãos corporais são perturbados, a operação da potência sensitiva é impedida; e se eles são removidos, a potência sensitiva também é completamente removida.

---

Revision #2
Created 5 October 2026 23:31:34 by Admin
Updated 7 October 2026 00:06:55 by Admin